

Os Arquétipos Literários



E. M. MELETÍNSKI


Ateliê Editorial

Sumário

Nota dos Tradutores

9

Apresentação

11

PRIMEIRA PARTE

Sobre a Origem dos Arquétipos
Temáticos, Literários e Mitológicos

15

Referências Bibliográficas

119

SEGUNDA PARTE

As Transformações dos Arquétipos
na Literatura Russa Clássica
Cosmos e Caos, Herói e Anti-herói

121

Referências Bibliográficas

221

Nota dos Tradutores

A transliteração dos nomes russos foi feita a partir da tabela de correspondências utilizada pelo curso de Russo da USP. Foram incluídas notas referentes a termos russos, sempre que necessário para a melhor compreensão do texto. Não há notas no texto original russo. Notas dos tradutores foram incluídas para explicar usos específicos de certos termos.

<i>Alfabeto Russo</i>	<i>Transcrição para registro catalográfico ou linguístico</i>	<i>Adaptação fonética para nomes próprios</i>
А	A	A
Б	B	B
В	V	V
Г	G	G, Gu antes de e, i
Д	D	D
Е	E	E, Ié
Ё	Io	Io
Ж	J	J
З	Z	Z
И	I	I
Й	I	I
К	K	K
Л	L	L
М	M	M
Н	N	N
О	O	O
П	P	P
Р	R	R
С	S	S, SS (interválico)
Т	T	T
У	U	U
Ф	F	F
Х	Kh	Kh
ц	Ts	Ts
ч	Tch	Tch
Ш	Ch	Ch
Щ	Chth	Chth
ъ	”	”
ы	Y	Y
ь	,	,
Э	È	È
Ю	Iu	Iu
Я	Ia	Ia

Apresentação

Eleazar Mosséievitch Meletínski, uma das figuras mais importantes das Ciências Humanas na Rússia, autor de livros como *O Herói do Conto de Magia* (1958), *Origens do Epos Heroico* (1963), *A Edda e as Formas Primitivas de Epos* (1986), *A Poética Histórica da Novela* (1990) e conhecido no Brasil pelo clássico *A Poética do Mito* (1976) (trad. Paulo Bezerra, São Paulo, Forense Universitária, 1987), nasceu em Khárkhov em 1918 e viveu em Moscou, com a mulher, num apartamento repleto de livros e sombreado pelas copas das árvores do bosque, que, como quer a tradição, sempre envolveram os prédios de poucos andares construídos na época socialista.

Com ele estivemos em junho de 1994, pouco depois de ele ter estado em São Paulo a convite de instituições como a PUC e a ECA, sob o patrocínio da Fapesp. Tivemos ocasião de falar longamente de suas pesquisas, do Instituto de Altos Estudos das Humanidades que dirige em Moscou desde sua fundação em 1992,

onde foram (e são) convidados os “maiores sábios do mundo”, bem como da revista *Arbor Mundi*, ligada ao Instituto.

Após terminar, em 1940, o ciclo ocidental dos estudos filológicos na Universidade de Moscou, foi envolvido pelas vicissitudes da Segunda Guerra Mundial e enviado primeiro para o fronte sul, depois para o do Cáucaso e acabou condenado, em pleno stalinismo, a dez anos de prisão. Ficou dez meses preso na capital da Geórgia e depois foi evacuado para Tachkent, onde encontrou, entre outros, V. M. Jirmúnski, como ele discípulo de Vesselóvski, a quem se ligaria por laços de estreita colaboração.

Retomou, aí mesmo, seus estudos na Universidade da Ásia Central e defendeu seu Doutorado. De 1946 a 1949 lecionou Literatura na Universidade da Carélia e foi novamente preso, sendo reabilitado em 1954. Desde então tem lecionado em diferentes Institutos e Universidades (destaca-se, em particular, sua ativa participação na assim chamada Escola de Tártu) e a partir dos anos 1980 trabalhou junto à cátedra de História e Teoria da Cultura Universal da Universidade de Moscou, tendo-se destacado por seu interesse pelos estudos ligados à poética histórica e à mitologia comparada, ao desenvolvimento da tradição do folclore narrativo e épico-heroico, desde suas origens, no mundo inteiro. Mais recentemente tem cuidado da organização da enciclopédia *Mitos dos Povos do Mundo* (Moscou, 1980) e de uma série de obras coletivas como *História da Literatura Universal*, *Monumentos do Epos Literário*, *Contos e Mitos dos Povos do Oriente*, *Dicionário Mitológico* etc.

Em seus últimos trabalhos – entre os quais está o livro *Os Arquétipos Literários* (1994), que apresentamos aqui em tradução inédita publicada em 1998, como uma das comemorações em homenagem aos seus oitenta anos – sempre dentro da linha-mestra de sua pesquisa que ele mesmo definia como indo sincrônica e diacronicamente “do mito à literatura”, incorporando poética

histórica, estruturalismo e semiótica, tem-se dedicado ao estudo das estruturas mentais da humanidade, e em particular, à análise da teoria dos arquétipos, tomados dentro da acepção clássica junguiana, à qual porém aporta uma série de modificações. (À ideia junguiana de que o mito representaria a harmonização do pensamento individual consciente com o pensamento coletivo subconsciente ele objeta o fato, aliás detalhado neste livro, de que as complexas relações individuais/coletivas ainda não estão refletidas no “estádio” do mito, começando a manifestar-se no estágio do romance cortês e medieval, sendo a função do mito a de harmonizar as relações do homem com a sociedade e o mundo que o envolve e não apenas a consciência individual com a subconsciência coletiva.)

Numa fala curta e incisiva, além de aos já citados Vesselóvski, o iniciador da escola russa de poética histórica e seu discípulo Jirmúnski, Meletínski refere-se a V. Propp, seu amigo e mestre, a Lévi-Strauss, de quem aplaude a compreensão dos elementos racionais no mito, apesar de que muitas vezes, para efetivá-la, “ele substitua as construções racionais indígenas pelas suas próprias” e a muitos outros.

Nessa sua, digamos, atualização do pensamento mítico universal, ele não só defende suas posições (“Não acredito que Lévi-Strauss esteja certo no tratamento do Édipo: ele reflete o mitologema da mudança de gerações; o erotismo só significa que o herói está maduro para passar à iniciação, que é um ato social”), mas dentro da tradição da melhor crítica russa, conforme já foi apontado por Boris Schnaiderman, em suas aulas, ele sabe assimilar o que o Ocidente tem de mais significativo e devolvê-lo enriquecido e visto por um enfoque diferente e muitas vezes inesperado.

Aurora Fornoni Bernardini